

FALEM BEM OU FALEM MAL
CITAÇÕES A PARTIDOS POLÍTICOS NO TWITTER EM
DATAS-CHAVE DA POLÍTICA BRASILEIRA (2013–2018)*

5

Otávio Z. Catelano (ozcatelano@gmail.com)[†]

Jade M. Becari (jademirandabecari@hotmail.com)[‡]

Beatriz A. Mezzalira (beatriz.a.mezzalira@gmail.com)**

Resumo: Este artigo tem o objetivo de compreender como a relação contemporânea entre partidos políticos e cidadãos se configura em um novo meio: a Internet. Por meio de uma análise exploratória, visou a compreender quais foram os partidos brasileiros mais citados pelos usuários do Twitter em datas que marcaram a política brasileira recente (2013–2018). Os dados foram coletados pela técnica de *web scraping*. Entre os principais achados, nota-se que o PT foi o partido mais citado e ocupa uma posição de centralidade no debate político virtual; que a relevância dos partidos no debate político virtual está consideravelmente descolada do tamanho de suas bancadas na Câmara dos Deputados; que os partidos políticos foram capazes de estruturar o debate político online de acordo com os seus discursos e posicionamentos em outras esferas; e que o debate político virtual é um espaço privilegiado para compreender a avaliação que os cidadãos fazem sobre a função dos partidos na democracia representativa, especialmente no contexto de transformação dos meios de comunicação.

Palavras-chave: política e internet; partidos políticos; política brasileira; Twitter.

SPEAK HIGHLY OR SPEAK BADLY: POLITICAL
PARTIES' MENTIONS ON TWITTER IN
BRAZILIAN POLITICAL KEY EVENTS (2013–2018)

Abstract: This article aims to understand how the contemporary relationship between political parties and citizens works on the Internet. Through an exploratory analysis, it

* Agradecemos à Prof.^a Dr.^a Andréa Freitas (Departamento de Ciência Política/IFCH-Unicamp) e ao PolBras/Cesop-Unicamp pelos comentários feitos à primeira versão deste trabalho durante o III Seminário PolBras (nov. 2019); à Débora Zanini pela generosa e eficiente ajuda oferecida no início da elaboração do trabalho; e ao Marco Antonio Faganello pela coleta dos dados.

[†] Doutorando em Ciência Política do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGCP) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Integrante do Grupo de Estudos em Política Brasileira (PolBras), vinculado ao Centro de Estudos de Opinião Pública (CESOP-Unicamp).

[‡] Bacharel e Licenciada em Ciências Sociais pelo IFCH-Unicamp. Integrante do PolBras/CESOP-Unicamp.

** Mestranda em Ciência Política do PPGCP/IFCH-Unicamp. Integrante do PolBras/CESOP-Unicamp.

attempted to understand which Brazilian parties were most mentioned by Twitter users on events that marked recent Brazilian politics (2013–2018). The data was collected using the web scraping technique. Among the main findings, it is noted that PT (leftist Workers' Party) was the most mentioned party and that it holds a central position on the online political debate; that the relevance of parties on the online political debate is considerably detached from their benches in the parliament; that political parties were able to structure the online political debate according to their speeches and positions in other spheres and that the online political debate is a privileged space to understand the evaluation that citizens do about the role of parties in representative democracy, especially in the context of media transformation.

Keywords: internet and politics; political parties; brazilian politics; Twitter.

1 INTRODUÇÃO¹

As relações que os cidadãos estabelecem com os partidos políticos são comumente operacionalizadas pelo conceito de identificação partidária. Este conceito costuma ser explorado sob a ótica de duas correntes teóricas, sendo citado como um vínculo afetivo entre o cidadão e o partido criado pelo sentimento de pertencimento a determinados grupos por parte do cidadão — Teoria Psicológica do comportamento eleitoral — ou como um atalho cognitivo que o cidadão utiliza para que seu voto seja capaz de maximizar seus ganhos — Teoria da Escolha Racional (BORGES; VIDIGAL, 2018). De qualquer forma, a identificação estrutura o comportamento eleitoral brasileiro, sendo uma variável fortemente preditora de voto entre as eleitoras e os eleitores do país (SAMUELS; ZUCCO, 2018). Isso pode fazer com que algumas dimensões das relações entre os cidadãos e os partidos sejam deixadas de lado.

Os partidos brasileiros contemporâneos foram criados a partir da Reforma Partidária de 1979, logo algumas das legendas mais importantes do país contam com décadas de existência. Ao longo desse tempo, alguns fatores que colaboraram para a construção de relações entre cidadãos e partidos foram fortemente alterados, como as formas de participação política e os indicadores socioeconômicos que as condicionam (ALMEIDA, 2017). Criados nesse contexto de mudanças, os partidos precisaram reconsiderar e reinventar estratégias de comunicação com o público em todas as suas frentes de atuação, não somente a eleitoral (GERBAUDO, 2019). Afinal, por mais que as relações entre cidadãos e partidos sejam traduzidas em votos a cada dois anos no Brasil, elas são construídas cotidianamente.

No entanto, os meios de comunicação sofreram verdadeiras revoluções no período recente. Os cidadãos deixaram de ser apenas receptores de informações, como eram enquanto apenas o rádio e a televisão estruturavam a comunicação. Por meio das redes sociais, eles se tornaram capazes de atuar no debate público com um esforço muito menor que anteriormente, quando era necessário

¹ Nota de agradecimentos (ocultada para assegurar a integridade da avaliação por pares cega).

sair às ruas sob bandeiras organizadas — institucionalmente ou não. Ou seja, a relação cotidiana entre cidadãos e partidos está estruturada de uma forma diferente, que precisa ser tratada como um objeto de pesquisa diferente da identificação partidária.

Por isso, propomo-nos a responder à seguinte pergunta: quais são os partidos brasileiros mais citados nas discussões públicas da arena virtual? Para isso, exploraremos a citação a partidos políticos na rede social Twitter em datas importantes para a compreensão da política brasileira recente. Dessa forma, podemos aprofundar o entendimento das relações que os cidadãos e partidos construíram em um contexto proporcionado pela Internet de rápida velocidade de informações e maior horizontalidade do debate público.

Para além desta seção de introdução, o artigo possui mais quatro. Na próxima, falaremos sobre a função estrutural que os meios de comunicação exerceram e exercem na política. Em seguida, está exposto um histórico recente da política brasileira. Posteriormente, estão apresentadas as seções referentes à metodologia do trabalho e à organização dos dados, à análise dos resultados e à apresentação das conclusões.

2 IMPORTÂNCIA DOS VEÍCULOS MIDIÁTICOS

Os frequentes enfrentamentos internacionais durante o século XX fizeram com que pesquisadoras e pesquisadores da Ciência Política voltassem seus olhos para a análise de semelhanças e diferenças entre as instituições desenvolvidas por distintos países. Uma instituição em comum que todos os países desenvolveram para organizar seus conflitos socioeconômicos é o partido político.

Na primeira metade do século XX, diversos autores investigaram a função dos partidos e a relação que eles tinham com a sociedade. Os partidos conseguiram organizar a entrada das massas para a vida política, que ocorreu pelas sucessivas ampliações do sufrágio eleitoral (MICHELS, 1982). Por meio do voto, os eleitores delegavam a representação política para os partidos e seus quadros (SCHUMPETER, 2017), construindo uma relação importante para a formação de valores democráticos e para a legitimação da política enquanto processo capaz de (e responsável por) interferir em questões sociais.

As transformações socioeconômicas que ocorreram a partir da segunda metade do século XX, ocasionadas principalmente pela globalização, o êxodo rural, o aumento do sufrágio e o desenvolvimento tecnológico resultaram em um aumento da complexidade social e da diferenciação societária. Nesse processo, tanto o espaço de influência dos cidadãos quanto os seus interesses aumentaram, fazendo com que os partidos políticos tivessem dificuldade de agregar todos os interesses dos cidadãos em suas campanhas eleitorais e seus governos. Assim, por mais que as relações entre representados e representantes parecesse

estável, começa-se a perceber um enfraquecimento dessas (MANIN, 1995). Esse enfraquecimento é percebido, entre outros pontos, pela volatilidade eleitoral e pela diminuição gradual dos índices de identificação partidária.

A análise de Manin (1995) sobre esse período se baseia na hipótese do surgimento de um novo modelo de governo representativo, chamado por ele de “Democracia de Público”, que constituiria uma mudança estrutural da política. Essa mudança ocorreria porque antes os partidos apresentavam um programa a cumprir se chegassem ao poder, enquanto nessa Democracia de Público a estratégia para eleger um candidato é pela construção de imagens que projetam as personalidades dos líderes.

Essa estratégia seria preferida, pois a relação da representação começou a ser canalizada por meios de comunicação como o rádio e a televisão, nos quais os candidatos falam com seus eleitores sem a mediação das relações partidárias. Além disso, devido ao aumento da complexidade das condições políticas pós-Segunda Guerra Mundial e o conseqüente aumento da atividade do governo e dos programas políticos, os partidos e os próprios candidatos começaram a dar maior “ênfase à individualidade dos políticos em detrimento das plataformas políticas” (MANIN, 1995, p. 21) para “facilitar” a identificação e aproximação dos eleitores. Com isso, tais tecnologias ganham importância na mediação da relação entre políticos e cidadãos, estruturando o processo de transmissão da mensagem política.

Nesse processo, segundo Manin (1995), foi possível que políticos sem o devido apoio de seus partidos se destacassem em campanhas a partir de habilidades e técnicas midiáticas construídas sob a imagem de “comunicadores”. Isso posto, os políticos que melhor comunicam suas ideias se sobressaem, e os eleitores se tornam receptivos a essa imagem posta, de forma que as eleições já não representam políticas que os eleitores desejam ver realizadas e “os políticos chegam ao poder por causa da sua aptidão e experiência no uso de comunicação de massa” (MANIN, 1995, p. 1). Por isso o termo “público” é aplicado: porque “[...] o eleitorado se apresenta, antes de tudo, como um público que reage aos termos propostos no palco da política” (MANIN, 1995, p. 14).

No início do século XXI, o acesso aos veículos de mídia tradicionais foi largamente amplificado, potencializando suas capacidades de mediação. No entanto o surgimento da Internet e o seu rápido progresso nos quesitos velocidade de informação e possibilidades de interações fomentaram, ainda que numa arena virtual, discussões públicas — um dos elementos considerados fundamentais para os governos representativos (MANIN, 2013).

A Internet começou a ser utilizada na política a partir do pleito estadunidense de 1992, com a divulgação das propostas de campanha e da aquisição de doações através de sites de partidos e candidatos. Esses sites, porém, assemelhavam-se a “panfletos eletrônicos”, já que não continham nenhuma informação além das que já existiam nos panfletos impressos e não estimulavam a interação

entre os candidatos e os eleitores (AGGIO, 2010). Nesse período, a Internet foi celebrada como uma tecnologia que seria capaz de fomentar uma nova democracia, talvez até mesmo uma participação intensa em decisões governamentais — “*e-government*” —, o que poderia significar o fim do autoritarismo, uma vez que o público seria cada vez mais empoderado (CURRAN, 2016).

O desenvolvimento das redes sociais não concretizou essas expectativas. Nessas redes, os cidadãos contam com uma abundância de informações e interpretações diferentes. Se devidamente processadas — leitura, conferência, pesquisa por informações complementares etc. —, excedem a capacidade humana de consumo de informações (WENG *et al.*, 2012). Sendo assim, os debates na arena virtual geralmente partem de informações “rasas” e baseiam comportamentos caracterizados por um rápido deslocamento de atenção e por deliberações reduzidas (CARR, 2020; OTT, 2017; LOH; KANAI, 2016; WENG *et al.*, 2012).

Além disso, os *bots*, perfis falsos criados com a finalidade de potencializarem pautas na discussão virtual, são cada vez mais utilizados. Num âmbito de informações rasas e direcionamento rápido de uma atenção escassa, os perfis falsos de fato potencializam pautas, fomentando discussões que não necessariamente aconteceriam (KOLLANYI; HOWARD; WOOLLEY, 2016; LEWANDOWSKY; ECKER; COOK, 2017). Nesse sentido, os debates entre os cidadãos sobre os temas de interesse público estão cada vez mais calcados na pós-verdade, conceito utilizado para sistematizar a desinformação advinda da arena virtual (LEWANDOWSKY; ECKER; COOK, 2017).

Ainda assim, as redes sociais expõem os políticos a interações estruturadas por ferramentas como citações, “curtidas”, compartilhamentos, respostas e comentários de publicações (ROSSINI *et al.*, 2016), com ou sem limite de caracteres. Essas ferramentas de interação potencializaram ainda mais o efeito das mídias sobre a formação de preferências dos cidadãos (AGGIO, 2015). O crescimento dessa participação mais diversificada fez com que as redes sociais contribuíssem para o desenvolvimento de debates de temas públicos fora do período eleitoral (LATTMAN-WELTMAN, 2015), que é o que nos propomos a investigar neste trabalho.

No Brasil, a Internet é objeto da Ciência Política pelo menos desde 2004, mas as redes sociais só entraram na agenda de estudos a partir de 2012, justamente por terem se tornado um espaço para o debate político (CERVI; MASSUCHIN; CARVALHO, 2016). Desde esse ano, a política brasileira passou por diversos eventos de naturezas institucionais e não institucionais que geraram crises políticas — ou que foram resultados delas — e pautaram discussões intensas nas redes sociais. Por isso, essas discussões constituem um material de pesquisa importante para investigar a relação entre cidadãos e partidos em períodos não necessariamente ligados a eleições (CERON *et al.*, 2013).

Na próxima seção, “Transformações e histórico da política brasileira”, fizemos uma revisão de acontecimentos da política brasileira que ocorreram pelo menos

desde os protestos de junho de 2013, justificando a seleção de datas específicas que podem nos auxiliar a entender a relação cotidiana entre cidadãos e partidos.

3 TRANSFORMAÇÕES E HISTÓRICO DA POLÍTICA BRASILEIRA

A primeira eleição presidencial direta pós-redemocratização, em 1989, levou ao segundo turno Fernando Collor (PRN) e Lula da Silva (PT). Nas quatro eleições seguintes (1994, 1998, 2002 e 2006), foram duas as principais forças políticas: PSDB e PT, imprimindo um caráter bipartidário às disputas presidenciais brasileiras. Em 2010, entretanto, Marina Silva (PV) cumpriu um importante papel de terceira força política, angariando 19,3% dos votos no primeiro turno (BITTAR, 2010), indicando um desgaste da polarização entre os tucanos e os petistas.

Em junho de 2013, o aumento da tarifa do transporte público foi o estopim para o início de um ciclo de protestos no país. O *dia 13 de junho de 2013* foi especialmente importante, pois foi o dia no qual a polícia reprimiu de forma mais violenta os manifestantes (CHARLEAUX, 2017), angariando apoio da opinião pública às mobilizações. Esse ciclo se diferenciou dos ciclos de 1984 (pela realização de eleição presidencial direta em 1985) e de 1992 (pelo *impeachment* de Collor) porque nos anteriores havia organizações que unificavam as pautas, enquanto no de 2013 havia “um cartaz por pessoa”, ou seja, uma multiplicidade de demandas (TATAGIBA, 2014). Isso pode ser um efeito da horizontalidade da discussão pública possibilitada pelas redes sociais, diferentemente da direção mais vertical da relação entre mídias e eleitores que predominava anteriormente.

Mesmo assim, em 2014, testemunhou-se uma eleição muito parecida com a de 2010: PT, PSDB e Marina Silva (PSB) foram as três principais forças políticas. No *dia 28 de outubro de 2014*, a vitória de Dilma Rousseff (PT) pela segunda vez consecutiva foi confirmada. No entanto o seu segundo mandato não seria cumprido integralmente. No *dia 15 de março de 2015* viu-se o início do que seria uma série de protestos em favor do *impeachment* de Rousseff (PROTESTOS..., 2015). A proposta do *impeachment* foi encampada em dezembro de 2015 pelo então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, do PMDB (MARTELLO, 2015) — partido do então vice-presidente Michel Temer, que rompeu com o governo Rousseff.

Após extensos debates no parlamento e nas redes sociais, o país parou para assistir à votação que autorizou a abertura do processo de *impeachment* na Câmara dos Deputados no *dia 17 de abril de 2016* (MARTELLO, 2016) — transmitida pelas maiores redes de televisão abertas do país —, um dia marcado por declarações históricas e polêmicas. Aprovada a abertura e aberto o processo, Temer governou interinamente até o final de agosto de 2016, quando o Senado decidiu pelo *impeachment* (GARCIA, 2016).

Temer implantou uma agenda abertamente neoliberal, aprovando uma Emenda Constitucional que congelou os gastos sociais do Governo Federal por 20 anos (EC nº 95/2016) e propondo uma Reforma Trabalhista e uma Reforma da Previdência. Esses fatores ocasionaram uma reação das maiores centrais sindicais do país: a primeira greve geral em décadas aconteceu no *dia 28 de abril de 2017* (GASPARINI, 2017). Ainda assim, a Reforma Trabalhista foi aprovada.

Menos de um mês depois, no *dia 17 de maio de 2017*, áudios de Temer e Aécio Neves (candidato do PSDB à Presidência em 2014) falando abertamente sobre “comprar o silêncio” de Cunha e de receber cerca de R\$ 2 mi em propina, respectivamente (DEARO, 2017), foram vazados, o que comprometeu o governo Temer, o PMDB e o PSDB. Temer não renunciou e as investigações foram rejeitadas, mas o governo perdeu muita força na opinião pública — atingindo níveis recordes de rejeição (BRETAS, 2018) — e não conseguiu cumprir a promessa de realizar a Reforma da Previdência.

O ano de 2018, aguardado pela realização de eleições gerais, iniciou tão ou mais instável que os anos anteriores. Em março, a vereadora Marielle Franco, do PSOL do Rio de Janeiro-RJ, foi assassinada a tiros, assim como seu motorista Anderson Gomes (GONÇALVES, 2018). A investigação do assassinato não foi encerrada até o momento da escrita deste artigo (em junho de 2021), mas naquele momento marcou profundamente a política do país, simbolizando a instabilidade da democracia.

No decorrer desses acontecimentos, desde setembro de 2016 Lula da Silva enfrentava denúncias judiciais feitas pelo Ministério Público Federal (BRASIL, 2016) e, ao mesmo tempo, era indicado como pré-candidato do PT à Presidência para as eleições de 2018, liderando as pesquisas (PESQUISA..., 2018). Foi condenado em primeira instância em julho de 2017. Recorreu à segunda instância mas, em janeiro de 2018, foi condenado também na mesma. Esgotados os recursos na segunda instância, entregou-se à Polícia Federal no *dia 7 de abril de 2018* (LULA..., 2018).

As pesquisas de intenção de voto mostraram que, em cenários sem Lula da Silva, Jair Bolsonaro (PSL) (BOLDRINI, 2018) estava em primeiro lugar (DATAFOLHA..., 2018). O então deputado havia ganhado popularidade por diversas declarações contrárias aos direitos de pessoas LGBTQTs, as cotas raciais, a igualdade salarial para mulheres e favoráveis à ditadura militar brasileira — homenageou um reconhecido militar torturador ao declarar seu voto a favor da abertura do processo de *impeachment* de Rousseff, por exemplo (SARDINHA, 2017), que repercutiram intensamente nas redes sociais, fazendo com que Bolsonaro conquistasse muitos seguidores que construíram a imagem do “mito” que não tinha receio em falar o que julgava ser necessário falar.

No mês de maio do mesmo ano ocorreu uma greve de caminhoneiros, exigindo redução nos preços do diesel e fixação de uma tabela mínima para os

valores de frete. A greve ganhou muita força a partir do *dia 24 de maio de 2018*, quando começou uma crise de abastecimento nos postos de combustível e supermercados do país devido ao bloqueio parcial das rodovias (GREVE..., 2018). Em meio a um debate sobre a legalidade da greve e sob acusação de locaute, os caminhoneiros mantiveram sua organização por tempo suficiente para adquirir vitórias. Ao mesmo tempo, ganhou corpo na categoria o discurso anticorrupção e apoio a uma intervenção militar.

Um Brasil marcado por esses discursos seguiu seu rumo às eleições gerais. No *dia 6 de setembro de 2018*, durante a campanha eleitoral, o então presidente Bolsonaro sofreu um atentado, levando uma facada e suspendendo sua campanha (BOLSONARO..., 2018). Mas, mesmo com sua campanha suspensa — sem participar de debates —, com a ascensão de Fernando Haddad (PT, substituto de Lula) (GIELOW, 2018) nas pesquisas e com a organização de protestos massivos contra sua candidatura — com ênfase no *dia 29 de setembro de 2018*, data em que grupos de mulheres reuniram centenas de milhares de manifestantes contra Bolsonaro em 114 cidades do Brasil e do mundo sob o mote “Ele não” (ROSSI; CARNEIRO; GRAGNANI, 2018) —, o candidato cresceu consideravelmente em intenções de voto, quase vencendo no primeiro turno, atingindo 46,03% dos votos válidos (TSE, 2020).

Durante o segundo turno, nem mesmo as denúncias do jornal Folha de São Paulo de que a campanha de Bolsonaro havia cometido crime ao utilizar serviços de disparo de mensagens em massa abalaram o apoio ao candidato (MELLO, 2018), que confirmou sua vitória sobre Haddad no *dia 28 de outubro de 2018* por 55,13% a 44,87% (TSE, 2020).

Com isso, encerramos a revisão necessária para compreender a seleção realizada. Para facilitar a leitura, expusemos os eventos selecionados, que chamaremos de “datas-chave” da política brasileira recente, na Tabela 1:

4 METODOLOGIA E DADOS

Neste artigo, utilizamos estatísticas descritivas para identificar quais são os partidos mais citados pelos cidadãos brasileiros na Internet em momentos de afloramento do debate político, bem como as palavras que mais acompanharam as citações a esses partidos. Os partidos mais citados nesses debates são os mais “lembrados” pelos cidadãos, sendo provavelmente os que mais pautaram a discussão nos momentos de crise, revelando que os cidadãos estabeleceram relações — sejam positivas, sejam negativas — com os mesmos.

Para isso, escolhemos investigar a rede social Twitter. No Brasil, o Twitter não possui tantos usuários quanto o WhatsApp ou o Facebook e, proporcionalmente, não é a rede social mais utilizada para leitura e compartilhamento

TABELA 1 Datas-chave da política brasileira recente (2013–2018)

Data	Descrição do evento	Código do evento
13/06/2013	Maior repressão policial aos protestos de junho de 2013	Jun13Repres
28/10/2014	Reeleição de Dilma Rousseff	RousseffElei
15/03/2015	Primeiro protesto pelo <i>impeachment</i> de Dilma Rousseff	RousseffProtes
17/04/2016	Câmara autoriza abertura do <i>impeachment</i> de Dilma Rousseff	RousseffAbert
28/04/2017	Greve geral contra reformas propostas por Michel Temer	TemerGreve
17/05/2017	Vazamento dos áudios de Michel Temer e de Aécio Neves	TemerNevesAud
07/04/2018	Prisão de Lula da Silva	LulaPris
06/09/2018	Atentado contra Jair Bolsonaro	BolsonaroAtent
29/09/2018	Primeiro protesto #EleNão contra Jair Bolsonaro	BolsonaroProtes
28/10/2018	Eleição de Jair Bolsonaro	BolsonaroElei

Fonte: Elaborada pelos autores.

de informações referentes a eleições e candidatos². Entretanto foi escolhido por dois motivos. O primeiro é o seu formato de *microblogging* (GOMES *et al.*, 2009), que permite o compartilhamento de ideias como ocorre em *blogs* tradicionais, mas de maneira reduzida a 280 caracteres³, auxiliando na rapidez de produção e processamento de conteúdo (PRADO, 2010). O segundo é a presença expressiva de políticos com conta no Twitter, tornando-o uma rede social mais relevante politicamente em relação aos seus pares (GOMES *et al.*, 2009; PARMELEE; BICHARD, 2013; AGGIO, 2016), atraindo mais cidadãos para o debate político online.

² Fonte: Pesquisas Datafolha disponíveis no catálogo do Cesop/Cocen-Unicamp. Números das pesquisas: 2014: CESOP-DATAFOLHA/BRASIL.BR2014.OUT-03887; 2017: CESOP-DATAFOLHA/BR17.NOV-04405; 2018: CESOP-DATAFOLHA/BR18.OUT-04619.

³ Mudança implementada em 2017, pois anteriormente o limite era de 140 caracteres (CANO, 2017).

Os tuítes foram obtidos pela técnica de *web scraping* em algoritmo desenhado por Marco Antonio Faganello⁴, a quem agradecemos pelo trabalho. Ainda que os tuítes coletados sejam publicados por perfis abertos, foi necessário pedir permissão ao Twitter para fazer a coleta e uso dos dados para fins acadêmicos. Os dados foram coletados a partir de uma pesquisa por nome completo do partido (por ex.: Partido Trabalhista Brasileiro), sigla (por ex.: PTB) e *user* da legenda no Twitter (por ex.: @ptb14). Nomes completos e siglas que podem ser utilizados em outros contextos diferentes de uma citação a partido político não foram incluídos nas *queries* das coletas de dados⁵.

Em nove das onze datas, definimos como horário inicial da coleta às 00:00:00 e como horário final às 23:59:59. As duas exceções são as datas referentes ao vazamento dos áudios de Temer e Neves e ao atentado contra Bolsonaro, por serem eventos inesperados em relação aos demais. Para eles, definimos como horários iniciais aqueles relatados como os horários aproximados dos acontecimentos: às 19:30:00 e às 15:40:00, respectivamente, coletando todos os tuítes publicados nas 24 horas posteriores⁶.

O banco de dados foi organizado e limpo a partir de alguns passos. Primeiro, analisamos os resultados que estavam identificados em outras línguas que não a língua portuguesa brasileira (pt-BR, segundo o código ISO 639-1). Nesta filtragem, corrigimos os tuítes escritos em pt-BR que foram reconhecidos como outra língua e excluímos todos os tuítes que não foram escritos em pt-BR. Segundo, analisamos os resultados das pesquisas que continham siglas partidárias que poderiam ser utilizadas como abreviações coloquiais: DEM, PP, PV, PROS, PT e PEN. A partir da análise, excluímos os resultados que não correspondiam ao conteúdo político que buscamos.

Escolhemos manter todos os tuítes na análise, não descartando os que foram feitos por perfis falsos. Ainda que esta seja uma tarefa difícil, mas não impossível, entendemos que os perfis falsos produzem um efeito real de potencialização do debate em torno de alguma pauta escolhida (LEWANDOWSKY; ECKER; COOK, 2017), tornando essencial que seus tuítes sejam contados como os demais.

⁴ Doutorando do PPGCP/IFCH—Unicamp.

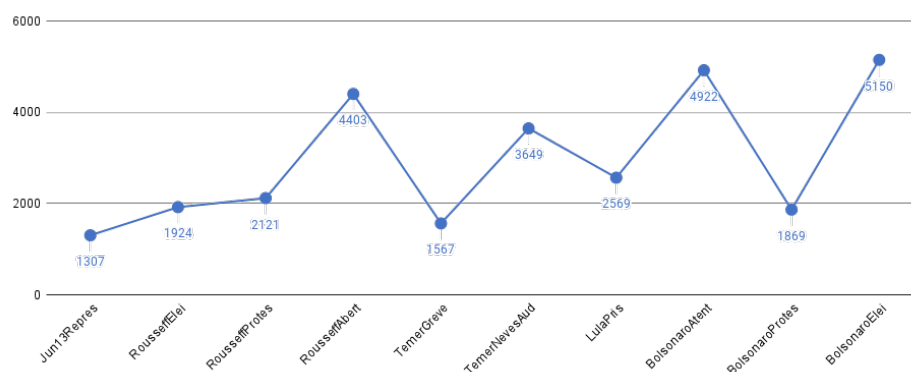
⁵ Só foram levados em consideração os partidos que possuíam registro regular no TSE no dia 1 de setembro de 2019, quando iniciamos a coleta. Nomes completos de partidos excluídos da coleta: Democratas; Avante; Podemos; Solidariedade; Patriota. Siglas excluídas da coleta: PP; DC; PODE; PR; SD; NOVO; REDE. Não têm perfil no Twitter: PTC; PPS; PP. Não encontramos o *user* do perfil que era utilizado antes da mudança de nome: MDB (quando era PMDB); AVANTE (quando era PTdoB).

⁶ Os tuítes publicados durante a data-chave “Impacto da greve dos caminhoneiros” (referentes ao dia 24 de maio de 2018) foram desconsiderados na análise, pois possuem ruídos que prejudicariam a interpretação.

5 ANÁLISE DE DADOS

Para iniciar nossa análise, apresentamos o Gráfico 1, abaixo, que mostra o número absoluto de citações a partidos políticos brasileiros no Twitter nas dez datas selecionadas. Este gráfico tem como finalidade expor o número de citações por data-chave no nosso banco de dados (Total = 29481). O número de citações é crescente, mas esse crescimento não é linear. O crescimento pode ter ocorrido por conta do aumento do número de usuários brasileiros no Twitter durante o período (ver nota de rodapé 25). Por enquanto, não foi possível identificar um padrão na variação do número de citações ao longo do tempo — como uma associação com os partidos protagonistas em cada evento, por exemplo.

GRÁFICO 1 Citações a partidos políticos brasileiros no Twitter nas dez datas selecionadas (n)



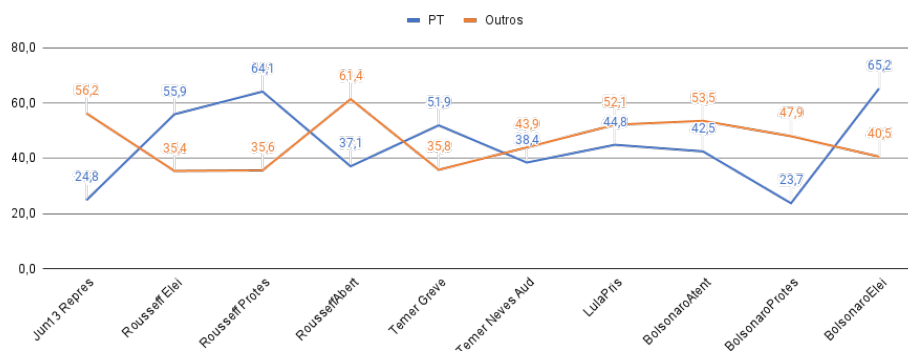
Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do Twitter coletados por Marco Antonio Faganello via *web scraping*.

Nota: Total = 29481.

Para analisarmos individualmente o número de citações que cada partido recebeu, elaboramos os Gráficos 2A e 2B, abaixo, que mostram o número relativo de citações que os partidos obtiveram em cada data-chave. A divisão dos dados em dois gráficos foi necessária para melhor visualização dos dados, logo é importante se ater à diferença de escalas dos Eixos Y. O Gráfico 2A coloca como “Outros” todos os partidos que não alcançaram 5% da somatória de citações

em todas as datas-chave⁷. Uma tabela com os dados de todas as legendas está disponível no Apêndice⁸.

GRÁFICO 2A Partidos políticos brasileiros mais citados no Twitter nas dez datas selecionadas (%): PT e Outros



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do Twitter coletados por Marco Antonio Faganello via *web scraping*.

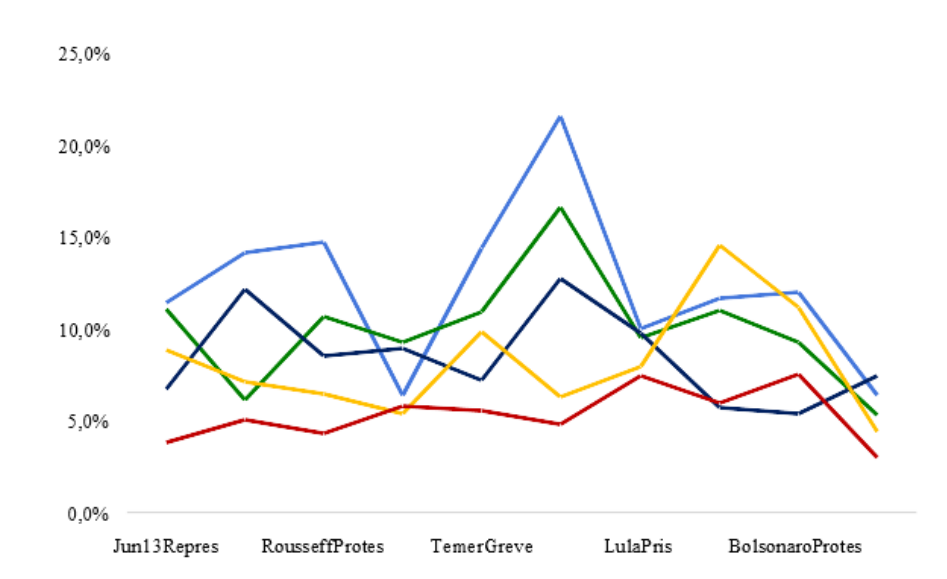
O PT é o partido brasileiro mais citado no Twitter nas datas-chave analisadas, tendo seu ápice de citações no dia da eleição de Bolsonaro para a Presidência. Além disso, é a única sigla que apresenta uma dinâmica interligada com os Outros: quando o PT é mais citado, as legendas contidas em Outros são menos lembradas, e vice-versa. Isso pode indicar que quando o PT é menos citado há uma opção por citações aos partidos políticos no geral. Com isso, podemos dizer que o partido ocupa uma posição de centralidade na forma que os cidadãos compreendem o sistema partidário do país. Para interpretar esse dado, é necessário ressaltar que o PT é o partido que concentra as mais altas taxas de identificação (SPECK; BALBACHEVSKY, 2016) e anti-identificação partidária (SAMUELS; ZUCCO, 2018) no Brasil; e que o partido estrutura a competição eleitoral do sistema partidário brasileiro (MENEGUELLO, 2011; MENEGUELLO; ARQUER, 2018). Isso se reforça na medida em que o partido é o mais citado em todas as datas-chave — seja quando chefiava o Poder Executivo, seja depois da destituição de Rousseff (PT).

O PSOL é uma legenda muito citada pelos usuários do Twitter. Mesmo sendo um partido relativamente pequeno em termos de tamanho da bancada na

⁷ Compõem os Outros: PP, PSB, PEN, PSL, PDT, PSTU, PTB, NOVO, PCO, PPS, PSC, PSD, PV, PCB, PHS, PMB, PROS, REDE, PRTB, PODE, PTC, AVAN, PMN, DC, PR e SD.

⁸ Citações ao partido Solidariedade não foram captadas durante a série temporal de acordo com sua *query*, que levou em conta somente o seu user “@solidariedadeBR”, excluindo a palavra “solidariedade” e a sigla “SD” porque poderiam remeter a contextos não necessariamente ligados ao partido. Ver mais na nota 29.

GRÁFICO 2B Partidos políticos brasileiros mais citados no Twitter nas dez datas selecionadas (%): PSDB, MDB, DEM, PSOL e PCdoB



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do Twitter coletados por Marco Antonio Faganello via *web scraping*.

Câmara dos Deputados, esteve sempre em alta, com destaque no final da série temporal — especialmente na data do atentado contra Bolsonaro, que foi feito por um ex-filiado do partido (BRAGON, 2018). Uma outra legenda que recebeu muitas citações é o DEM. Inclusive, o seu maior número de citações ocorreu no dia do vazamento dos áudios de Temer e Neves, o que pode ser justificado pelas alianças sistemáticas que o DEM e o PSDB fizeram nas eleições presidenciais brasileiras ocorridas desde 1994, sempre com destaque para o PSDB.

O MDB manteve um número relevante de citações ao longo da série, mas, mesmo sendo chefe do Poder Executivo em seis das dez datas-chave, só obteve destaque em uma: a data do vazamento dos áudios de Temer e Neves. Nessa data, o MDB e o PSDB, respectivamente os partidos dos dois protagonistas do escândalo, cresceram em número de citações em conjunto com o DEM e os Outros, enquanto se pode observar uma queda das citações de PT, PSOL e PCdoB. Isso demonstra que o debate político no Twitter foi protagonizado pelos partidos mais envolvidos com o acontecimento, ou seja, houve um alinhamento entre o debate e o fato político.

Cabe, ainda, ressaltar que o PCdoB não teve destaque durante a série temporal, nem mesmo durante a realização da Greve Geral, o que chama atenção

pois o partido tem relação íntima com sindicatos — especialmente com os filiados à Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB) (CPDOC, c2009). Além disso, que os Outros têm como ápices a data de maior repressão aos protestos de Junho de 2013 e a data da votação do processo de *impeachment* de Rousseff na Câmara dos Deputados, o que sugerimos ser motivado pelo fato de os cidadãos desejarem expressar descontentamento com o maior número de partidos possível.

O número de citações pode ser explorado a partir da relevância dos partidos no âmbito nacional. A Câmara dos Deputados seria o melhor caso para efeitos de comparação, pois sua composição é regulada por um sistema eleitoral proporcional, cujo objetivo é “representar tanto as maiorias quanto as minorias traduzindo votos em assentos, proporcionalmente, em vez de super-representar ou sub-representar quaisquer partidos” (LIJPHART, 2019, p. 161). Ou seja, o número de cadeiras que um partido possui na câmara baixa do Poder Legislativo federal teoricamente representa a sua força em número de votos, mesmo que existam as deformações que os mecanismos do sistema eleitoral causam (NICOLAU, 2017). Também representa o seu poder de barganha na formulação, aprovação e reprovação de políticas públicas (RIKER, 1984). Dessa maneira, espera-se que um partido com um alto número de cadeiras, por ter um alto número de eleitores e exercer grande influência nas políticas do país, seja mais citado que um partido com baixo número de cadeiras.

Para investigarmos se essa proporcionalidade existe, organizamos o Gráfico 3, que mostra a diferença entre o número relativo que cada partido obteve no total de citações e o número de cadeiras conquistadas por cada partido na Câmara dos Deputados nas eleições de 2010, 2014 e 2018, por serem pleitos próximos das datas-chave analisadas. Neste gráfico, quanto mais próximo do Eixo X estiver o *score*, mais proporcional é o número de citações ao partido em relação ao tamanho de sua bancada na Câmara dos Deputados. Os dados estão organizados em ordem decrescente de diferença entre Total e Dep. Fed. 2018⁹.

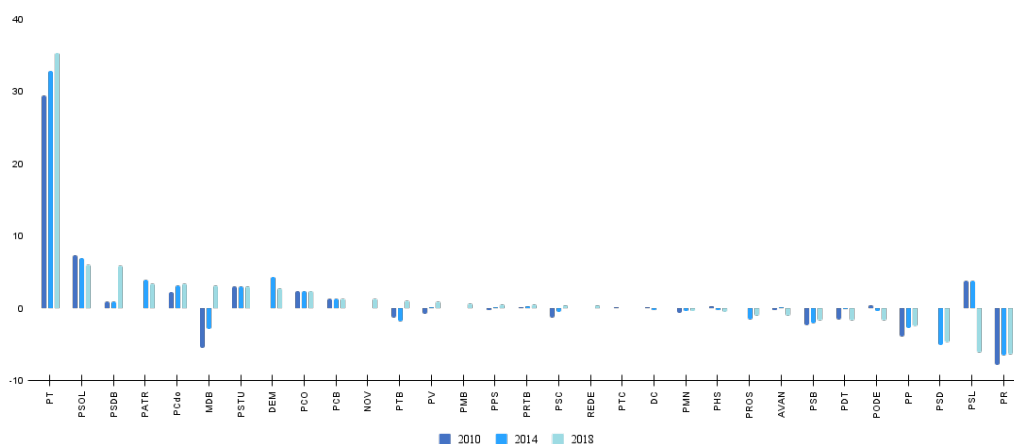
A quantidade de partidos que são super ou subcitados mostra como o debate político no Twitter está consideravelmente descolado da relevância dos partidos em termos de números de cadeiras na câmara baixa do Poder Legislativo federal¹⁰. Esta é uma questão interessante para ser examinada, pois tem potencial para fornecer explicações sobre a representação política no Brasil e os efeitos da Internet sobre a mesma.

O partido que se destaca como o mais supercitado é o PT, o que remete ao fato de ele pautar o debate político devido a sua relevância no sistema partidário brasileiro, como já explicado anteriormente. Por outro lado, entre os partidos

⁹ Eles podem ser encontrados em formato de tabela no Apêndice.

¹⁰ Inclusive, o fato do PSTU, do PCO e do PCB estarem em destaque simboliza isso, pois nenhuma das três siglas conquistou cadeiras nos três pleitos analisados.

GRÁFICO 3 Diferença entre o total de citações ao partido no Twitter nas dez datas selecionadas (%) e cadeiras conquistadas pelo partido para a Câmara dos Deputados em 2010, 2014 e 2018 (%)



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de dados do Twitter coletados por Marco Antonio Faganello via *web scraping*.

mais subcitados, chamam atenção os *scores* do PSL, que é um caso peculiar. Seu número de cadeiras era muito pequeno até a eleição de 2018, quando elegeu a segunda maior bancada da Câmara. Além disso, a sigla somente apresentou um alto número de citações nos eventos ocorridos após a filiação do então presidenciável Bolsonaro, com destaque para a data do protesto “Ele Não”, quando foi citada em 15,1% dos tuítes coletados. Anteriormente, era uma legenda pouco lembrada. Se contarmos somente as porcentagens de citações ao partido nas datas-chave que ocorreram depois da filiação de Bolsonaro, a média seria de 8%, mais próximo à porcentagem de deputados eleitos pelo partido em 2018 (10,1%). Essa flutuação acompanha a variação de outros dados, como o crescimento das taxas de identificação com o PSL durante a corrida presidencial (PT..., 2018).

Outra abordagem sobre os dados se faz necessária: a análise das palavras que mais foram citadas em conjunto com cada um dos partidos, a fim de avaliar de que forma se elabora a relação entre indivíduos e partidos. Por isso, organizamos a Tabela 2, abaixo, que apresenta as 30 palavras mais citadas (e o número de menções de cada uma delas) em conjunto com os partidos que ultrapassaram a marca de 5% das citações totais¹¹.

¹¹ Foram excluídas as palavras das seguintes classes: artigos, conjunções, interjeições, numerais, preposições e pronomes. As outras palavras foram analisadas caso a caso, excluindo-se as que não possuíam significados políticos. Por exemplo, a palavra “todos” foi excluída, enquanto a palavra “nunca” foi mantida. Também foram excluídas palavras que compunham a *query*, como a palavra “Brasil” no caso do “Partido Comunista do Brasil”.

TABELA 2 Palavras mais citadas em conjunto com os partidos (n)

PT		PSDB		MDB		DEM		PSOL		PCdoB	
Palavra	Citações	Palavra	Citações	Palavra	Citações	Palavra	Citações	Palavra	Citações	Palavra	Citações
lula	1629	pt	1426	pt	1215	psdb	789	pt	1079	pt	827
psdb	1517	pmdb	941	psdb	1204	pt	625	pcdob	640	psol	650
brasil	1416	dem	769	dem	566	pmdb	600	pstu	283	lula	164
bolsonaro	1304	pp	370	pp	421	partido	414	bolsonaro	246	esquerda	153
contra	1155	temer	333	temer	338	pp	269	esquerda	246	psdb	145
dilma	1059	governo	321	brasil	239	governo	214	psdb	243	pdt	135
pmdb	1012	mdb	269	contra	228	temer	207	pdt	191	pstu	134
psol	966	contra	267	dilma	223	contra	168	contra	185	contra	118
haddad	816	aecio	266	governo	218	brasil	167	lula	178	psb	113
fora	669	brasil	251	corrupcao	206	psol	142	filiado	173	partidos	112
pcdob	657	psol	241	partidos	191	presidente	138	rede	155	pco	101
pais	654	lula	222	psol	186	bolsonaro	135	brasil	152	pcb	96
ptb	644	psb	220	lula	181	lula	135	partidos	150	rede	95
povo	641	partidos	213	psb	152	pps	128	pco	128	pmdb	94
governo	618	bolsonaro	212	politica	143	psb	120	pmdb	126	bolsonaro	84
anos	586	dilma	209	pcdob	139	ptb	114	psb	111	pp	79
presidente	585	pdt	173	pdt	139	impeachment	113	pcb	103	pais	75
dem	539	pps	172	bolsonaro	132	candidato	110	dem	100	povo	71
pp	516	alckmin	168	fora	126	paes	107	povo	84	une	67
temer	510	presidente	158	presidente	126	psc	107	fora	81	presidente	63
esquerda	508	doria	153	impeachment	118	politica	102	pp	80	dem	61
votar	495	corrupcao	143	povo	112	povo	96	democracia	79	cut	60
nunca	477	fora	142	ptb	110	psl	93	dilma	74	democracia	59
politica	461	pcdob	142	psd	108	dilma	90	candidato	71	dilma	52
candidato	460	politica	138	candidato	107	maia	87	atentado	70	impeachment	50
voto	459	impeachment	133	pais	101	psd	85	mst	70	manuela	49
corrupcao	448	ptb	125	aecio	99	votos	83	cut	69	mst	48
poder	447	povo	123	poder	92	deputado	81	politica	68	politica	47
impeachment	438	pais	114	governador	86	pcdob	79	pais	63	mdb	46
democracia	420	esquerda	113	politicos	85	neto	70	mdb	62	vice	46

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados do Twitter coletados por Marco Antonio Faganello via *web scraping*.

Como esperado, fazem-se presentes palavras tradicionalmente ligadas à política institucional, por exemplo: voto (s), partido (s), governo, presidente, governador e deputado. No geral, é possível observar que há citações a outros partidos, mostrando que no debate político os indivíduos se propõem a fazer ligações entre as legendas. A exceção é o PT, que possui uma variedade maior de termos entre as palavras mais citadas, comprovando sua centralidade no debate político conforme argumentado anteriormente. Ainda assim, o PSDB é a segunda palavra mais citada em conjunto com o PT, perdendo apenas para “Lula”, enquanto o PT é a palavra mais citada em conjunto com o PSDB. Esse fato demonstra que a polarização entre os dois partidos, dupla protagonista de todas as eleições presidenciais entre 1994 e 2014, também se traduziu no debate político online.

Além disso, verifica-se uma tendência de citar figuras políticas que compõem as fileiras do partido que está sendo citado — como nas menções a Fernando Haddad (PT), Geraldo Alckmin (PSDB), João Doria (PSDB), Eduardo Paes (DEM), Rodrigo Maia (DEM), Antônio Carlos Magalhães Neto (DEM) e Manuela D’Ávila (PCdoB) —, com exceção do caso do PSOL. Já os nomes de Lula da Silva, Dilma Rousseff e Jair Bolsonaro, os únicos vencedores de eleições presidenciais realizadas desde 2002, aparecem nas buscas das citações de todos os partidos, mostrando a centralidade dessas figuras no debate político.

Outras palavras também aparecem em destaque. “Povo” está em todas as listas, assim como “contra”. Isso pode indicar que no debate político está expressa uma consciência sobre os partidos serem instituições de representação política e uma certa insatisfação com o desempenho dessa função. Na mesma linha de raciocínio, a palavra “corrupção” aparece nos casos do PT, do PSDB e do MDB; enquanto a palavra “fora” é sistematicamente citada nos casos do PT e do PSOL.

Por outro lado, a palavra “democracia” é citada somente em conjunto com o PT, o PSOL e o PCdoB. Provavelmente isso se deve à avaliação que esses partidos fazem sobre o *impeachment* de Rousseff como um golpe nas instituições democráticas do país e sobre a eleição de Bolsonaro como um risco à democracia brasileira (CHAGAS, 2018). Ao mesmo passo, nos conjuntos do PSOL e do PCdoB constam citações sistemáticas a movimentos sociais e centrais sindicais, como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a União Nacional dos Estudantes (UNE) e a Central Única de Trabalhadores (CUT), simbolizando a aproximação entre esses partidos e o campo popular. Vale, ainda, ressaltar que o PSOL possui duas palavras atípicas: “filiado” e “atentado”. Essas palavras foram massivamente citadas após o atentado contra Jair Bolsonaro em 6 de setembro de 2018, pois o autor do ataque, Adélio Bispo, foi filiado ao PSOL entre 2007 e 2014, conforme mencionado anteriormente. Este fato foi massivamente lembrado pelos eleitores do então presidencializável Bolsonaro, numa tentativa de associar o partido ao ato de violência.

No contexto da crise política que está instaurada em todo o período analisado, é importante notar que, em linhas gerais, as pessoas constroem relações cotidianas com os partidos políticos e as expressam no debate político online. Observando os dados, é possível afirmar que os cidadãos são capazes de compreender e reproduzir os discursos sustentados pelos partidos nas arenas de decisão política — como, por exemplo, a menção à palavra “democracia” em conjunto com o PT, o PSOL e o PCdoB, que levantaram essa bandeira para se contraporem à deposição de Rousseff e à eleição de Bolsonaro. Ou seja, as redes sociais aumentaram as possibilidades de posicionamentos políticos individuais, mas aparentemente os partidos permanecem capazes de estruturar o debate.

6 CONCLUSÕES

É impossível coletar todas as citações a partidos políticos no Twitter, dado o formato de *microblogging* desta rede social, permitindo que os usuários façam referências às siglas de forma individual e personalizada utilizando figuras de linguagem variadas. No entanto o que mais nos interessa é a flutuação do número de citações aos partidos, que escolhemos observar a partir de *proxies* das citações — para além das menções aos perfis, coletamos também as citações aos nomes completos e às siglas das legendas.

Entre as análises, destacamos algumas conclusões. Primeiro, o PT é, de longe, o partido mais lembrado pelos usuários do Twitter. As hipóteses que levantamos para tanto são a longa permanência da legenda na Presidência da República, o seu protagonismo em todas as eleições presidenciais do período democrático atual e as altas taxas de identificação e anti-identificação partidária — números que representam as ligações estáveis entre os cidadãos e o partido e que são expressos no debate cotidiano da política. A tese de que o PT estrutura o sistema partidário brasileiro é reforçada pelo Gráfico 2A e pela Tabela 2, em que o partido ocupa uma posição de centralidade em relação às siglas brasileiras em geral.

Segundo, há uma disparidade considerável entre o tamanho das bancadas dos partidos na Câmara dos Deputados e o número de citações a eles, conforme evidenciado pelo Gráfico 3. A relevância dos partidos em termos de número de cadeiras na Câmara não se traduz em número de citações a eles entre os cidadãos no Twitter, o que nos leva a indagações sobre a representação política no Brasil. Entretanto é necessário observar o caso do PSL, um partido que só recebeu mais citações após receber como filiado um presidenciável popular nas redes sociais que tinha destaque nas pesquisas de intenção de voto, como vimos anteriormente. Aparentemente, os cidadãos voltaram sua atenção para o partido escolhido por Bolsonaro. Isso demonstra uma capacidade geral de compreensão de importantes movimentações do sistema partidário brasileiro.

Terceiro, a análise das palavras que mais são citadas em conjunto com os partidos nos indica que as legendas foram capazes de estruturar o debate político online de acordo com os seus discursos e posicionamentos em outras esferas. O fato de isso ter ocorrido mesmo em uma plataforma em formato de *microblogging* diz que os partidos políticos brasileiros demonstraram força suficiente para canalizar as demandas políticas, ou pelo menos de o fazer em alguma medida. Ainda assim, é necessário destacar que as palavras “contra” e “fora” são presenças comuns nos tuítes coletados, ou seja, o debate político virtual é um espaço privilegiado para compreender a avaliação dos cidadãos sobre a função dos partidos na democracia representativa, especialmente no contexto de transformação dos meios de comunicação.

A argumentação que baseia nosso artigo nos leva a crer que essas indagações sobre a representação política são frutos da análise do comportamento dos cidadãos na Internet e que elas só podem ser exploradas a partir da análise de dados provenientes deste espaço virtual. A Internet é, além de um importante âmbito de debates políticos, uma ótima fonte para investigar a relação *cotidiana* que os cidadãos têm com os partidos, isto é, quais são os recursos que eles utilizam para avaliar os partidos e se o fazem de maneira positiva ou negativa. Partindo dessa concepção, poderemos avançar no debate sobre a função da Internet como um elemento estruturante da representação política — seja como espaço, seja como ferramenta, seja como ambos.

REFERÊNCIAS

- “LULA é preso”. *Folha de S.Paulo*, 7 abr. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/04/lula-e-presos.shtml>. Acesso em: 09 set. 2019.
- AGGIO, Camilo. Campanhas online e Twitter: a interação entre campanhas e eleitores nas eleições presidenciais brasileiras de 2010. *Revista Famecos: Mídia, Cultura e Tecnologia*, Porto Alegre, n. 23, v. 1, 2016. DOI: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2016.1.22088>.
- AGGIO, Camilo. 2015. Os candidatos ainda evitam a interação? Twitter, Comunicação Horizontal e Eleições Brasileiras. *E-compós*, [s.l.], v. 18, n. 1, p. 1–22, 26 mai. 2015.
- AGGIO, Camilo. *Campanhas políticas online: a discussão do estado da arte seguido de estudo de caso sobre os websites dos candidatos à prefeitura de Salvador em 2008*. Dissertação (Mestrado Comunicação e Cultura Contemporâneas) — Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, 2010.

- ALMEIDA, Maria. Vitória. DE. *Os efeitos das condições socioeconômicas na participação política dos brasileiros*. Dissertação; Tese; TCC (Mestrado). Mestre. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Campinas, SP, 2017.
- BITTAR, Rodrigo. Votos de Marina Silva não tiveram impacto equivalente na Câmara. *In: AGÊNCIA Câmara de Notícias*. 27 out. 2010. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/143538-votos-de-marina-silva-nao-tiveram-impacto-equivalente-na-camara/>. Acesso em: 12 fev. 2022.
- BOLDRINI, Angela. Jair Bolsonaro se filia ao PSL para disputar o Planalto. *Folha de S.Paulo*, Brasília, 7 mar. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/03/jair-bolsonaro-se-filia-ao-psl-para-disputar-o-planalto.shtml>. Acesso em: 17 out. 2019.
- BOLSONARO leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora. *Folha de S.Paulo*, 6 set. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/bolsonaro-leva-facada-durante-ato-de-campanha-em-juiz-de-fora.shtml>. Acesso em: 09 set. 2019.
- BORGES, André; VIDIGAL, Robert. Do lulismo ao antipetismo? Polarização, partidarismo e voto nas eleições presidenciais brasileiras. *Opinião Pública*, Campinas, v. 24, n. 1, p. 53–89, jan./abr. 2018.
- BRAGON, Ranier. Autor de atentado a Bolsonaro foi filiado ao PSOL e divulgou ida a escola de tiro. *Folha de S.Paulo*, Brasília, set. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/suspeito-de-esfaquear-bolsonaro-foi-filiado-ao-psol.shtml>. Acesso em: 26 jun. 2021.
- BRASIL. Ministério Público Federal. *Denúncia*. Curitiba, 14 set. 2016. Disponível em: <http://www.mpf.mp.br/pr/sala-de-imprensa/docs/DENUNCIALULA.pdf>. Acesso em: 09 set. 2019.
- BRETAS, Valéria. Com 82% de rejeição, Temer se torna presidente mais impopular da história. *Exame*, São Paulo, 10 jun. 2018. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/com-82-de-rejeicao-temer-se-torna-presidente-mais-impopular-da-historia/>. Acesso em: 09 set. 2019.
- CANO, Rosa Jiménez. Twitter amplia o limite para 280 caracteres por mensagem. *El País*, San Francisco, 26 sept. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/09/26/tecnologia/1506399545_718901.html. Acesso em: 14.out.2019.

- CARR, Nicholas. *The shallows: what the Internet is doing to our brains*. Nova York: W. W. Norton & Company, 2020.
- CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL (CPDOC). *Central dos Trabalhadores e das Trabalhadoras do Brasil (CTB)*. Rio de Janeiro; São Paulo, c2009. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/central-dos-trabalhadores-e-das-trabalhadoras-do-brasil-ctb>. Acesso em: 26 jun. 2021.
- CERON, Andrea *et al.* Every tweet counts? How sentiment analysis of social media can improve our knowledge of citizens' political preferences with an application to Italy and France. *New Media & Society*, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 340–358, 4 abr. 2013.
- CERVI, Emerson U.; MASSUCHIN, Michele G.; CARVALHO, Fernanda C. de (org.). *Internet e eleições no Brasil*. 1. ed. Curitiba: CPOP, 2016.
- CHAGAS, Paulo Victor. Partidos lançam frente de apoio à candidatura de Haddad. In: AGÊNCIA Brasil. Brasília, 15 out. 2018. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/partidos-lancam-frente-de-apoio-candidatura-de-haddad>. Acesso em: 27 jun. 2021.
- CHARLEAUX, João Paulo. O que foram, afinal, as Jornadas de Junho de 2013: e no que elas deram. *Nexo Jornal*. São Paulo, 17 jun. 2017. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2017/06/17/O-que-foram-afinal-as-Jornadas-de-Junho-de-2013.-E-no-que-elas-deram>. Acesso em: 09 set. 2019.
- CURRAN, James. Reinterpreting the internet. In: CURRAN, James; FENTON, Natalie; FREEDMAN, Des. (org.). *Misunderstanding the internet*. Nova York: Routledge, 2016.
- DATAFOLHA: Lula Lidera com 39%; sem petista, Bolsonaro é líder com 22%. Datafolha: Lula lidera com 39%; sem petista, Bolsonaro é líder com 22%. *Valor Econômico*, São Paulo, 22 ago. 2018. Disponível em: <https://www.valor.com.br/politica/5758639/datafolha-lula-lidera-com-39-sem-petista-bolsonaro-e-lider-com-22>. Acesso em: 09 set. 2019.
- DEARO, Guilherme. Temer, Aécio, Joesley e as 24 horas que abalaram o país. *Exame*, São Paulo, 19 maio 2017. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/24-horas-abalaram-pais/>. Acesso em: 09 set. 2019.

- GARCIA, Gustavo *et al.* Senado aprova impeachment, Dilma perde mandato e Temer assume. *In*: G1. Brasília, 31 ago. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/08/senado-aprova-impeachment-dilma-perde-mandato-e-temer-assume.html>. Acesso em: 09 set. 2019.
- GASPARINI, Claudia. Como foi a greve geral contra reformas de Temer em 28/04. *Exame*, São Paulo, 28 abr. 2017. Disponível em: <https://exame.com/brasil/ao-vivo-a-greve-geral-e-os-protestos-pelo-brasil-nesta-sexta/amp/>. Acesso em: 09 set. 2019.
- GERBAUDO, Paolo. *The digital party*: political organisation and online democracy. Londres: Pluto Press, 15 abr. 2019.
- GIELOW, Igor. Haddad sobe a 22%; Bolsonaro tem 28%, mas se enfraquece no 2º turno, diz Datafolha. *Folha de S.Paulo*, set. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/09/haddad-sobe-a-22-bolsonaro-tem-28-mas-se-enfraquece-no-2o-turno-diz-datafolha.shtml>. Acesso em: 09 set. 2019.
- GOMES, Wilson *et al.* “Politics 2.0”: a campanha online de Barack Obama em 2008. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 17, n. 34, p. 29–43, out. 2009.
- GONÇALVES, João Ricardo *et al.* Vereadora do PSOL, Marielle Franco é morta a tiros na Região Central do Rio. *In*: G1. Rio de Janeiro, 14 mar. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/vereadora-do-psol-marielle-franco-e-morta-a-tiros-no-centro-do-rio.ghtml>. Acesso em: 12 jun. 2021.
- GREVE dos caminhoneiros: a cronologia dos 10 dias que pararam o Brasil. *In*: BBC News Brasil. [S. l.], 30 maio 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-44302137>. Acesso em: 19 maio 2020.
- KOLLANYI, Bence; HOWARD, Philip N.; WOOLLEY, Samuel C. Bots and automation over twitter during the U.S. election. *The Computational Propaganda Project Data Memos*, Oxford, v. 4, p. 1–5, 17 nov. 2016.
- LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Democracia e revolução tecnológica em tempos de cólera: Influência política midiática e radicalização militante. *Compólitica*, Rio de Janeiro, p. 1–22, abr. 2015.
- LEWANDOWSKY, Stephan; ECKER, Ulrich K. H.; COOK, John. Beyond Misinformation: Understanding and Coping with the “Post-Truth” Era. *Journal of Applied Research in Memory and Cognition*, Bristol, v. 6, n. 4, p. 353–369, 1 dez. 2017.

- LIJPHART, Arend. 2019. *Modelos de democracia: desempenho e padrões de governo em 36 países*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- LOH, Kep. K.; KANAI, Ryota. How Has the Internet Reshaped Human Cognition? *The Neuroscientist*, v. 22, n. 5, p. 506–520, out. 2016.
- MANIN, Bernard. A democracia do público reconsiderada. *Novos estudos CE-BRAP*, São Paulo, n. 97, p. 115–127, nov. 2013.
- MANIN, Bernard. As metamorfoses do governo representativo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 10, n. 29, p. 5–34, 1995.
- MARTELLO, Alexandro *et al.* Câmara aprova prosseguimento do processo de impeachment no Senado. *In: G1*. Brasília, 17 abr. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/processo-de-impeachment-de-dilma/noticia/2016/04/camara-aprova-prosseguimento-do-processo-de-impeachment-no-senado.html>. Acesso em: 09 set. 2019.
- MARTELLO, Alexandro *et al.* Eduardo Cunha acata pedido de impeachment contra Dilma Rousseff. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 2 dez. 2015. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/12/1714133-cunha-deflora-processo-de-impeachment-contradilma.shtml>. Acesso em: 09 set. 2019.
- MELLO, Patrícia Campos. Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, out. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contrao-pt-pelo-whatsapp.shtml>. Acesso em: 9 set. 2019.
- MENEGUELLO, Rachel. Las elecciones de 2010 y los rumbos del sistema de partidos brasileño: política nacional, fragmentación y lógica de coaliciones. *In: SÁEZ, Manuel. A.; TAGINA, María. L. (ed.). América Latina: política y elecciones del bicentenario (2009–2010)*. Madrid: Centro de Estudios Políticos y Constitucionales, 2011.
- MENEGUELLO, Rachel; ARQUER, Monize. Las elecciones brasileñas de 2014: un país partido por la mitad. *In: ALCÁNTARA, Manuel.; BUQUET, Daniel; TAGINA, María L. (ed.). Elecciones y partidos en América Latina en el cambio de ciclo*. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas, 2018.
- MICHELS, Robert. *Sociologia dos partidos políticos*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982.

- NICOLAU, Jairo. *Representantes de quem?: os (des)caminhos do seu voto da urna à Câmara dos Deputados*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- OTT, Brian L. The age of Twitter: Donald J. Trump and the politics of debasement. *Critical Studies in Media Communication*, [S. l.], v. 34, n. 1, p. 59–68, 1 jan. 2017.
- PARMELEE, John H.; BICHARD, Shannon L. *Politics and the Twitter revolution: how tweets influence the relationship between political leaders and the public*. Lanham: Lexington Books, 18 jan. 2013.
- PESQUISA Datafolha para presidente: abril 2018. *Gazeta do Povo*, Curitiba--PR, 15 abr. 2018. Disponível em: <https://especiais.gazetadopovo.com.br/eleicoes/2018/pesquisas-eleitorais/datafolha/pesquisa-datafolha-para-presidente-abril-2018/>. Acesso em: 09 set. 2019.
- PRADO, Ana Carolina. *Super Interessante*, São Paulo, 14 out 2010. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/superlistas/6-fatos-sobre-o-twitter-revelados-em-pesquisas-recentes/>. Acesso em: 02 ago. 2019.
- PROTESTOS contra o governo reúnem quase 1 milhão pelo país. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 15 mar. 2015. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2015/03/1603286-protestos-contr-o-governo-reune-quase-1-milhao-pelo-pais.shtml>. Acesso em: 09 set. 2019.
- PT tem 22% e PSL, 12% da preferência dos eleitores, diz Ibope. *In: G1*. Rio de Janeiro, 16 out. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/eleicao-em-numeros/noticia/2018/10/16/pt-tem-22-e-psl-12-da-preferencia-dos-eleitores-diz-ibope.ghtml>. Acesso em: 18 out. 2018.
- RIKER, William H. *The theory of political coalitions*. Westport: Greenwood Press, 1984.
- ROSSI, Amanda; CARNEIRO, Julia Dias; GRAGNANI, Juliana. #EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos. BBC News Brasil. *In: BBC News Brasil*. São Paulo/Rio de Janeiro/Londres, 30 set. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>. Acesso em: 9 set. 2019.
- ROSSINI, Patrícia. G. C. *et al.* O uso do Facebook nas eleições presidenciais brasileiras de 2014: a influência das pesquisas eleitorais nas estratégias das campanhas digitais. *In: CERVI, Emerson U.; MASSUCHIN, Michele G.; CARVALHO, Fernanda C. DE (org.). Internet e eleições no Brasil*. 1. ed. Curitiba: CPOP, 2016.

- SAMUELS, David J.; ZUCCO, Cesar. *Partisans, anti-partisans and non-partisans: voting behavior in Brazil*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.
- SARDINHA, Edson. As frases polêmicas de Jair Bolsonaro. *In: CONGRESSO em Foco*. Brasília-DF, 5 ago. 2017. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/especial/noticias/as-frases-polemicas-de-jair-bolsonaro/>. Acesso em: 09 set. 2019.
- SCHUMPETER, Joseph. A. *Capitalismo, socialismo e democracia*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- SPECK, Bruno W.; BALBACHEVSKY, Elizabeth. Identificação partidária e voto: as diferenças entre petistas e peessedebistas. *Opinião Pública*, Campinas, v. 22, n. 3, p. 569–602, dez. 2016.
- TATAGIBA, Luciana. 1984, 1992 e 2013: sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil. *Política & Sociedade*, Florianópolis, n. 13, v. 28, 2014. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7984.2014v13n28p35>.
- TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL (TSE). Votação. *In: PORTAL do TSE*. Brasília/DF, 2020. Disponível em: <https://sig.tse.jus.br/ords/dwapr/seai/r/sig-eleicao-resultados/home?session=3569886548923/>. Acesso em: 09 jan. 2022.
- WENG, Lilian *et al.* 2012. Competition among memes in a world with limited attention. *Scientific Reports*, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 335, 29 mar. 2012.